

OPINIÃO

Sustentabilidade deixa de ser diferencial e se torna regra para produtores rurais

Paula Cristiane Oliveira Braz (*)

A transformação do agronegócio nos últimos anos deixou claro que produzir alimentos já não é apenas cumprir uma função econômica; tornou-se uma responsabilidade social e ambiental.

O consumidor mudou, e essa mudança está pressionando cadeias produtivas inteiras a reverem seus modelos. Hoje, não basta entregar volume: é preciso entregar valor. E valor, no mundo contemporâneo, significa sustentabilidade, rastreabilidade e diversidade.

A demanda crescente por produtos sustentáveis não é uma moda passageira. Ela nasce de preocupações reais: degradação ambiental, perda de biodiversidade, impactos climáticos e insegurança alimentar. O público urbano, cada vez mais distante do campo, passou a enxergar a alimentação como parte de um estilo de vida. Isso impulsiona mercados antes considerados nichos orgânicos, agroecológicos, alimentos locais, produtos de baixo impacto ambiental que agora ganham escala e relevância estratégica para o agronegócio.

Nesse cenário, a diversificação surge como resposta inteligente. Em vez de insistir em modelos centrados na monocultura e na dependência de insumos externos, muitos produtores começam a adotar sistemas mais complexos, mais resilientes e capazes de atender novos mercados. Diversificar culturas, técnicas e canais de venda reduz riscos, aumenta a recomposição natural do solo, fortalece a segurança alimentar e abre portas para negócios mais rentáveis. Essa lógica vale tanto para grandes produtores quanto para agricultores familiares, cooperativas e até iniciativas urbanas, como hortas comunitárias ou produção vertical.

Além disso, a busca pela sus-

tentabilidade tem pressionado o setor a inovar. Tecnologias de agricultura de precisão, uso racional de água, integração lavoura-pecuária-floresta, sistemas regenerativos e práticas de baixo carbono já não são apenas diferenciais, são exigências de mercado. Exportadores sabem: quem não se adequar às novas certificações ambientais ficará para trás. A diversificação, nesse contexto, funciona como estratégia de adaptação e de competitividade global.

Entretanto, é preciso reconhecer que essa transição não ocorre sem desafios. A adoção de novas práticas exige investimento, capacitação e políticas públicas consistentes. Muitos produtores têm vontade de mudar, mas não encontram apoio técnico ou financeiro para dar os primeiros passos. Enquanto o debate ambiental se intensifica, o setor produtivo ainda enfrenta o estigma de vilão, muitas vezes injusto, outras vezes consequência de práticas que precisam ser superadas.

O futuro do agronegócio passa por uma síntese: unir produtividade com responsabilidade. Não existe sustentabilidade sem viabilidade econômica, assim como não existe mercado para um alimento produzido às custas do esgotamento ambiental. A boa notícia é que os produtores mais atentos já entenderam essa lógica. Quem diversifica reduz vulnerabilidades, melhora o solo, conquista consumidores e se posiciona como protagonista da alimentação do futuro.

Produzir alimentos de maneira sustentável não é apenas atender a uma tendência, é reconhecer que o planeta, o mercado e a sociedade pedem um novo modelo. E quem souber responder a esse chamado não apenas sobreviverá: será líder na construção de um agronegócio mais forte, mais justo e mais alinhado às exigências do século XXI.

(*) Administradora, especialista em Agronegócios e tutora dos cursos de pós-graduação na área de Agronegócios do Centro Universitário Internacional UNINTER.

Produtividade do tomate

O tomate continua sendo um dos principais produtos da horticultura brasileira, abastecendo o mercado durante todo o ano em diferentes regiões. A diversidade climática do Brasil possibilita várias épocas de plantio, o que exige atenção constante ao manejo e à escolha de materiais capazes de entregar frutos com boa apresentação e uniformidade.

As demandas da comercialização reforçam esse cenário. Para evitar perdas e assegurar regularidade no fornecimento, produtores têm buscado tecnologias que ofereçam maior segurança frente aos desafios fitossanitários mais comuns da cultura, especialmente aqueles que comprometem o vigor das plantas e a qualidade final dos frutos.

Nesse contexto, o tomate Nivus F1, da Topseed Premium, tem chamado a atenção de agricultores que atuam sobretudo em campo aberto. O híbrido apresenta excelente sanidade foliar e um pegamento consistente, favorecido por uma planta compacta e de curtas distâncias entre as pencas —

características que contribuem para um desempenho estável e competitivo.

Segundo o especialista em Tomates e Pimentões, Thiago Teodoro, esse conjunto de atributos tem se mostrado decisivo na escolha dos produtores. “O Nivus mantém uma resposta estável ao longo do ciclo, mesmo quando o cultivo enfrenta condições mais desafiadoras”, afirma.

O tomate Nivus F1 apresenta ampla adaptabilidade, sendo cultivado desde as regiões do Rio Grande do Sul, Paraná, Sudeste, Centro-Oeste até áreas específicas do Nordeste. De acordo com Teodoro, essa versatilidade amplia o potencial do híbrido entre produtores que operam em ambientes distintos e buscam segurança na colheita.

Outro ponto destacado pelo especialista é o pacote de resistências do material. “O Nivus F1 apresenta tolerância ao vírus-cabeça — considerado hoje um dos principais desafios da cultura — além de resistência a nematoides, fusarium, verticillium, oídio e cladosporium”, conclui.

Confinamento bovino cresce no Brasil e exige atenção especial na temporada de chuvas

Programa exclusivo da Elanco capacita produtores e técnicos para otimizar a gestão sanitária e nutricional, garantindo a produtividade no período chuvoso.

O sistema de confinamento de bovinos segue em expansão no Brasil, impulsionado por tecnologia e demanda de mercado. Segundo estimativas da Associação Nacional dos Confinadores (Assocon), o número de bovinos confinados no país deve superar as expectativas iniciais e bater recorde de mercado em 2025. Essa performance reforça o avanço da intensificação da pecuária nacional, além da busca por maior eficiência nos polos produtivos.

Contudo, a intensificação traz consigo desafios inerentes, que se acentuam durante a temporada de chuvas. “O sistema de confinamento, por sua natureza, já exige um manejo sanitário e nutricional rigoroso para assegurar o desempenho animal e a rentabilidade do negócio. No entanto, o excesso de umidade da primavera e do verão é um fator crítico: encharca cochos, deteriora rapidamente a qualidade da dieta e, consequentemente, reduz o consumo dos animais, impactando diretamente o ganho de peso e a eficiência produtiva. É um período que demanda atenção redobrada do produtor”, alerta Nuno Rodrigues, gerente de produto da divisão Ruminantes da Elanco. Além disso, o ambiente lamacento, comum nesta época, favorece lesões e doenças nos cascos, elevando o risco de perdas e exigindo um controle sanitário impecável.

Para transformar esses desafios em oportunidades, a Elanco desenvolveu o Programa Confinamento de Peso. Por meio de visitas técnicas e treinamentos práticos, a iniciativa capacita pecuaristas com informações cruciais sobre o manejo, especialmente desafiador no período de chuvas. Os temas abordados incluem ajustes nas instalações de cocho, descarte eficaz de alimentos deteriorados, inspeção preventiva de cascos e a implementação de práticas sanitárias robustas. O objetivo central é integrar protocolos nutricionais e sanitários que permitam uma adaptação



ágil e eficaz às variações climáticas. “Nossa missão é munir o confinador com conhecimento e ferramentas que fundamentem decisões mais assertivas e customizadas para a realidade de cada propriedade neste período desafiador”, complementa Nuno.

Em sinergia com um manejo inteligente e responsável, a Elanco oferece um portfólio completo de soluções em nutrição, sanidade animal e bioproteção, desenhadas para os confinamentos. O Micotil™ 300 injetável, por exemplo, se destaca no tratamento do rebanho contra desafios importantes do período chuvoso, como a podridão dos cascos, a ceratoconjuntivite e a incidência das pneumonias. Complementarmente, a vacina Fusogard™ se destaca como a única no mercado contra a pododermatite digital, oferecendo uma proteção singular.

No pilar nutricional, os aditivos Zimprova™ e Rumensin™ 200 são peças-chave para otimizar o desempenho e eficiência alimentar do rebanho, via modulação ruminal, com impactos benéficos não apenas aos animais, mas também ao meio ambiente. “O Zimprova™ é o primeiro melhorador

de desempenho do país, de uso exclusivo animal, com a recomendação dupla e oficial do Ministério da Agricultura e Pecuária, para ganho de produtividade e redução da emissão do gás metano na bovinocultura de corte, expressa em bula. E o Rumensin™, que esse ano completa 5 décadas de mercado, detém o selo de produto Redutor da Pegada de Carbono, concedido pela FairFood, uma das principais auditorias em saúde e bem-estar animal do país”, diz Murilo Chuba Rodrigues, zootecnista e gerente técnico de Ruminantes da Elanco Brasil.

Para a Elanco, a estação das águas exige antecipação, agilidade e um manejo proativo dos animais confinados. Investir em tecnologia e no suporte técnico especializado é, portanto, um pilar inegociável para a sustentabilidade e o sucesso do confinamento. “O Programa Confinamento de Peso é a prova do nosso compromisso em apoiar o pecuarista neste momento crítico, garantindo a saúde e a produtividade do rebanho”, finaliza Nuno.

Mais informações podem ser acessadas no link: [https://agropecuaria.elanco.com/br/acoes-elanco/confinamento-de-peso](https://agropecuaria.elanco.com.br/acoes-elanco/confinamento-de-peso)

Produtor de tilápia terá alta produção e faturamento no verão

A chegada do verão abre um novo ciclo de oportunidades para a cadeia da tilapicultura no Brasil — e a expectativa de faturamento da Brazilian Fish, do Grupo Ambar Amaral segue em alta. Para o primeiro trimestre de 2026, a expectativa é superar em 15% o faturamento do mesmo período de 2025. O motivo? O período entre dezembro e março se consolida como o mais estratégico do ano para os produtores, combinando condições climáticas ideais, aumento do consumo e crescimento contínuo da produção nacional.

O verão traz um diferencial competitivo decisivo: temperaturas mais altas otimizam o metabolismo, o crescimento e a reprodução dos peixes. “Isso significa maior produtividade, melhor conversão alimentar e, consequentemente, maior potencial de faturamento para empresas”, explica o diretor de operações da Brazilia Fish, Christian Becker Torres.

O período também concentra picos de consumo. No verão, cresce a procura por proteínas leves e de fácil preparo. Logo adiante, a proximidade da Semana Santa — outro momento de forte demanda — consolida um período estratégico para o agronegócio do pescado. “Já é esperado que na Semana Santa haja um aumento significativo nas vendas, especialmente porque é uma tradição em muitas famílias o consumo de peixe nesse período. Esse é um momento de alta no faturamento, fundamental para o setor”, menciona Christian Becker Torres. A combinação desses fatores reforça a resiliência do setor, que segue aquecido mesmo diante de oscilações regulatórias e de custos.

O Brasil vive um momento de expansão acelerada na piscicultura. Segundo a PeixeBR, a produção de peixes



cultivados cresceu 53,25% nas últimas duas décadas, saltando de 578 mil para 887 mil toneladas. A criação de peixes de água doce, especialmente a tilápia, tem se destacado como um dos segmentos mais promissores dentro do setor. Especificamente, a tilápia representa uma parcela significativa da produção nacional de peixes cultivados, com 579.080 toneladas, o que corresponde a 65,3% do total de peixes criados em cativeiro no Brasil. A espécie segue como protagonista absoluta, representando 65,3% de toda a produção aquícola nacional — mais de 579 mil toneladas — colocando o país como o quarto maior produtor mundial da espécie, segundo dados do Anuário de 2024.

Com uma produção crescente, a piscicultura brasileira começa a ganhar destaque não apenas no mercado interno, mas também no comércio internacional, impulsionada pela demanda global por pescados de alta qualidade. Dessa forma, a empresa projeta uma temporada de forte tração comercial, impulsionada tanto pela alta natural do consumo quanto pela maior capacidade de resposta da cadeia

produtiva em um momento de condições climáticas favoráveis.

Em um setor que cresce sustentado por eficiência, tecnologia e demanda global, o verão brasileiro desponta como um dos motores do agronegócio da tilápia em 2026. “Com esses picos de demanda, a piscicultura brasileira consegue se manter sólida, aproveitando as oportunidades sazonais e o comportamento do consumidor, além de se adaptar às condições climáticas favoráveis para garantir uma oferta constante e de qualidade, conclui Christian Becker Torres.

Para além do cenário macroeconômico, o porta voz da Brazilian Fish reforça que o verão exige manejo meticuloso: controle rigoroso da qualidade da água, manejo alimentar ajustado ao metabolismo acelerado. “São boas práticas essenciais para sustentar a produtividade e assegurar a entrega de um pescado de alta qualidade, como o que tem impulsionado a Brazilian Fish a novos mercados”, destacou Christian Becker Torres.